

# Avaliando a Automedicação em Estudantes do Curso de Medicina da Universidade Federal Da Paraíba (UFPB)

LARISSA MAYARA ARISTÓTELES DE ALBUQUERQUE<sup>1</sup>, RAÍSSA CHRISTINA CASSIMIRO FRANCO<sup>1</sup>, LORENA LURYANN CARTAXO DA SILVA<sup>1</sup>, ALICE FRANCA FALCÃO BATISTA DANTAS<sup>1</sup>, JACICARLOS LIMA DE ALENCAR<sup>2</sup>, MAÍSA FREIRE CARTAXO PIRES DE SÁ<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Estudante do Curso de Medicina da Universidade Federal da Paraíba (UFPB); <sup>2</sup>Prof. do Departamento de Medicina Interna, Centro de Ciências Médicas, Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

## • Autor para correspondência:

Jacicarlos Lima de Alencar

E-mail: jacicarlos@ccm.ufpb.br

## Resumo

**Objetivo:** Identificar a prevalência da automedicação entre os estudantes do curso de medicina da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). **Métodos:** Estudo transversal, descritivo, com abordagem quantitativa. A amostragem do estudo foi composta por acadêmicos do Curso de Medicina do 1º ao 8º período, matriculados na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), abrangendo 298 alunos de um universo de 444 acadêmicos. Para coleta de dados, foi utilizado um questionário estruturado, com 21 questões objetivas. **Resultados:** Dos 291 estudantes que compuseram a amostra final (sete questionários foram excluídos), 274 (94,2%) afirmaram já ter praticado automedicação. Quanto aos sintomas que mais motivaram a automedicação dos discentes estão: dor de cabeça, gripe ou resfriado, seguido de dor de garganta e febre. As classes de drogas mais comumente utilizadas pelos estudantes de medicina são: analgésicos (83,58%), anti-inflamatórios (73%), antitérmicos (60,58%), antibióticos sistêmicos (30,66%) e anti-histamínicos (22,63%). **Conclusões:** Conclui-se que é alto o índice de automedicação entre os acadêmicos de medicina da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sendo maior a confiança deste gesto entre alunos mais adiantados do curso.

**Palavras-chave:** Automedicação, Estudantes de Medicina, Preparações Farmacêuticas, Uso de Medicamentos, Prevalência.

## Abstract

**Objective:** To identify the prevalence of self-medication by students of medicine at the Federal University of Paraíba (UFPB). **Methods:** Cross-sectional, descriptive study with a quantitative approach. The study sample was composed of students from the College of Medicine from 1st to 8th period, enrolled in a higher education institution UFPB, including 298 students from a pool of 444 scholars. For data collection was used a structured questionnaire with 21 objective questions and for the analysis. **Results:** Of the 291 students who comprised the final sample (seven questionnaire were excluded), 274 (94.2%) said they had practiced self-medication. As for the symptoms that most commonly lead to self-medication of students are: headache, cold or flu, followed by sore throat and fever. The classes of drugs most commonly used by medical students were analgesics (83.58%), anti-inflammatory drugs (73%), antipyretic (60.58%), systemic antibiotics (30.66%) and antihistamines (22,63%). **Conclusions:** We conclude that there is a high rate of self-medication among medical students at the Federal University of Paraíba (UFPB) with greater trust this gesture from more advanced students of the course.

**Keywords:** Self Medication, Medical Students, Pharmaceutical Preparations, Drug Utilization, Prevalence.

A automedicação pode ser definida como uso de preparações farmacêuticas com a finalidade de diminuir sintomas ou tratar enfermidades, sem a orientação adequada de um profissional de saúde capacitado<sup>1</sup>. É uma prática difundida na população mundial e se destaca como um problema antigo, que apresenta grandes proporções e importantes consequências, como efeitos indesejáveis, enfermidades iatrogênicas e mascaramento de diversas doenças<sup>1</sup>.

A prática da automedicação torna-se ainda mais atrativa para os estudantes de medicina devido ao contato direto com alguns medicamentos, à facilidade de aquisição e aos conhecimentos adquiridos na universidade, os quais, muitas vezes, são tomados como base ou justificativa para a automedicação.

As formas de automedicação são diversas, assim, pode-se adquirir o medicamento sem receita, compartilhar remédios com familiares e amigos, desviar prescrição destinadas à outra terapêutica, reutilizar antigas prescrições e descumprir orientação profissional, prolongando ou interrompendo precocemente a posologia e o período de tempo indicados na receita<sup>2</sup>.

Dentre outras razões para a prática da automedicação, podemos enfatizar as propagandas desenfreadas de determinados medicamentos, a facilidade de obtenção de informações sobre o medicamento na internet e nos balcões de farmácia, a angústia desencadeada pelos sintomas ou doenças, a falta de programas educativos sobre os perigos inerentes à automedicação e a dificuldade de acesso aos serviços de saúde.

Dentre os aspectos culturais que também têm contribuído para a automedicação, encontra-se a utilização de uma medicação específica por indicação de familiares ou conhecidos. Todavia, o medicamento ideal para uma pessoa pode não ter a mesma eficácia para outra, ainda que os sintomas sejam semelhantes<sup>1</sup>.

Quanto à relação entre o nível de instrução e a prática da automedicação, os estudos científicos apresentam resultados discordantes<sup>3</sup>. No entanto, ao contrário do que se pode imaginar, estudos têm mostrado que não seriam os menos informados os maiores usuários da automedicação. Há resultados que confirmam um maior consumo de medicamentos entre os mais escolarizados e isso ocorre, provavelmente, por estes possuírem um maior nível de informação, que os auxilia na escolha de medicamentos, e uma maior confiança para esta prática<sup>3,4</sup>. Relacionado aos profissionais da área de saúde, um estudo mostra uma prevalência alta de automedicação em relação à população em geral entre os profissionais de uma unidade básica de

saúde, incluindo médicos e enfermeiros<sup>5</sup>.

Dessa maneira, a caracterização do padrão de consumo de medicamentos entre os estudantes universitários, especialmente de medicina, contribui para um melhor conhecimento sobre a sua saúde e auxilia na elaboração de programas que visem o uso racional do medicamento pela população em geral<sup>4</sup>.

O presente estudo tem como objetivo identificar a prevalência da automedicação entre os estudantes do curso de medicina da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), caracterizando o padrão dos medicamentos utilizados pelos mesmos. Além disso, buscou-se avaliar os motivos/sintomas que motivaram a automedicação, identificar se os estudantes de medicina possuíam conhecimento prévio quanto aos efeitos terapêuticos e adversos das medicações utilizadas, bem como o que ou quem os motivou a automedicar-se.

## **Metodologia**

Foi realizado um estudo transversal, descritivo, com abordagem quantitativa. A amostragem do estudo foi composta de estudantes do Curso de Medicina do 1º ao 8º período, matriculados na instituição de ensino superior Universidade Federal da Paraíba, abrangendo 298 alunos de um universo de 444 acadêmicos, sendo a amostra mínima necessária de 207 alunos para um erro amostral de 0,05 e nível de confiança de 0,95. Foram adotados os seguintes critérios de inclusão: ser aluno do curso de medicina devidamente matriculado na UFPB nos períodos acima determinados; ter preenchido corretamente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW/UFPB). Entre os critérios de exclusão temos: alunos que não estavam presentes em sala de aula durante a aplicação do questionário, estudantes que se recusaram a responder o questionário ou que o preencheram de forma incompleta.

Não foram incluídos na amostra os acadêmicos dos estágios finais do curso médico, equivalentes ao Internato, devido às dificuldades de localização, uma vez que estes se encontram em atividades geograficamente separadas, desenvolvendo diferentes estágios, ou até mesmo em outras instituições.

Utilizou-se como instrumento para a coleta de dados um questionário estruturado contendo 21 questões objetivas. Nele, avaliaram-se primeiramente as variáveis sociodemográficas: gênero, idade, semestre do curso. A população-alvo foi questionada sobre a presença ou ausência do hábito de automedicar-se, bem como se a prática teve início antes ou após a entrada no curso de medicina.

Foram avaliadas também as principais vias desse procedimento: obtenção de drogas por orientação de farmacêuticos ou indicação de terceiros (amigos, familiares, colegas do curso), uso de remédios por conta própria, utilização de receitas antigas, dentre outros.

Também foi avaliada a atitude e os conhecimentos dos estudantes (necessidade ou não de orientação médica, o hábito de ler a bula dos medicamentos, a obtenção da eficácia terapêutica, conhecimento dos efeitos adversos e das contraindicações dos medicamentos), bem como a presença de sintomas mais frequentes que os levavam à prática de automedicar-se. Por fim, perguntou-se quais eram os medicamentos utilizados para debelar os sintomas referidos pelos entrevistados.

O projeto desta pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética do Hospital Universitário Lauro Wanderley (Protocolo n. 0266/12, Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE): 03092512.7.0000.5188). Todos os estudantes foram esclarecidos a respeito dos objetivos da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento. O questionário foi aplicado durante as aulas das disciplinas do curso, após a permissão prévia dos professores que estavam ministrando as aulas no momento de sua aplicação.

Os dados foram obtidos entre janeiro e abril de 2013, e armazenados em planilhas do programa Microsoft Excel 2010. Para avaliação estatística – inserção, processamento e análise dos dados –, foi utilizado o software estatístico Statistical Package for Social Sciences (SPSS) versão 18.0 para Windows.

## **Resultados**

Foram entrevistados 298 estudantes de ambos os sexos dentro da população-alvo, dos quais sete foram excluídos por terem preenchido o questionário de forma incompleta. A Tabela 1 define o perfil epidemiológico e sociodemográfico dos 291 estudantes que compuseram a amostra final.

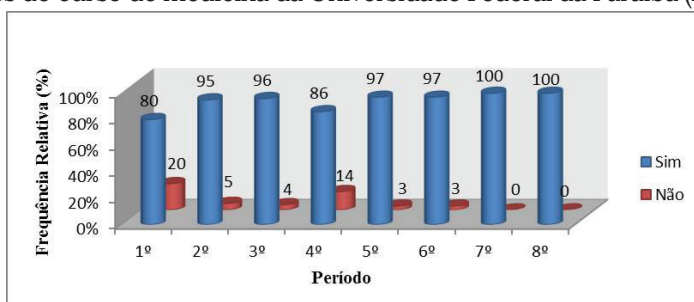
**Tabela 1** - Características demográficas e distribuição dos estudantes de Medicina da UFPB de acordo com o período letivo no período de janeiro a abril de 2013 (n=298)

Características Demográficas	Frequências	
	n	%
Sexo		
Masculino	169	58
Feminino	122	42
Grupo Etário		
18-22 anos	178	61,2
23-27 anos	104	35,7
28 e + anos	9	3,1
Período do curso		
1º	30	10,3
2º	49	16,8
3º =	26	9
4º	43	14,8
5º	38	13
6º	33	11,3
7º	40	13,8
8º	32	11

**Fonte:** Elaborada pelos autores a partir de dados da pesquisa.

A prática de automedicação foi maior entre os estudantes dos períodos mais adiantados do curso (Figura 1).

**Figura 1** - Prevalência da automedicação conforme o período dos discentes do curso de medicina da Universidade Federal da Paraíba (n=298)



**Fonte:** Elaborada pelos autores a partir de dados da pesquisa.

Os motivos para não procurar por um médico diante de uma enfermidade estão explicitados na tabela 2.

**Tabela 2** - Motivos mencionados pelos estudantes de medicina da Universidade Federal da Paraíba para a não procura de orientação médica (n=298)

Motivos	Frequências	
	f	%
Não julgou necessário	198	72,2%
Comodidade	78	28,5%
Falta de tempo de procurar o médico	75	27,3%
Dificuldade de acesso médico	39	14,2%
Outros	14	5,1%

**Fonte:** Elaborada pelos autores a partir de dados da pesquisa.

As fontes mais comuns de informação usadas para a prática da automedicação estão descritas na tabela 3.

**Tabela 3** - Formas de aquisição dos medicamentos pelos discentes do curso de medicina da Universidade Federal da Paraíba (n=298).

Formas de aquisição	Frequências	
	f	%
Farmácia	200	73%
Amigos/familiares	41	15%
Unidades de Prática do curso de Medicina	5	1,8%
Outros	4	1,4%

**Fonte:** Elaborada pelos autores a partir de dados da pesquisa.

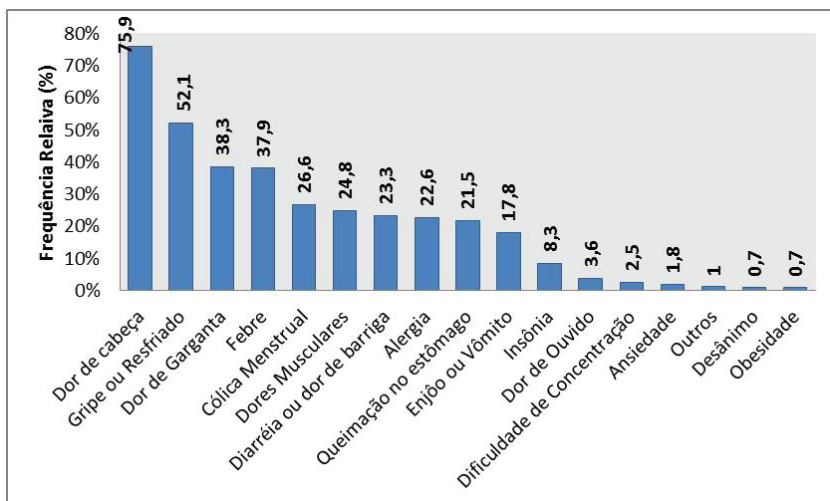
Todos os estudantes de medicina que referiram não praticar a automedicação julgaram ser necessária a orientação médica para comprar algum medicamento, porém 96% dos discentes que se automedicam também apresentaram esta mesma opinião. Dentre os estudantes de medicina que se automedicavam 98,5% relataram conhecer os riscos desta prática e 83,9% afirmaram ter costume de ler a bula dos medicamentos utilizados.

Um número significativo dos discentes (213/77, 7%) possuía conhecimento das contraindicações e dos efeitos adversos dos medicamentos tomados por conta própria. Verificou-se que 19 (6,9%) alunos relataram a ocorrência de reações alérgicas na sua prática da automedicação.

Dos medicamentos utilizados na automedicação pelos estudantes de medicina, 17,5% necessitaram de receituário especial e este foi conseguido por amigos/ familiares (81,2%), professor do curso (27%), outro estudante de medicina (6,2%), em unidades de prática do curso de medicina (14,5%) enquanto 81,2% dos estudantes marcaram a opção “outros”.

A causa ou sintoma que mais motivou a automedicação dos discentes é apresentada na Figura 2.

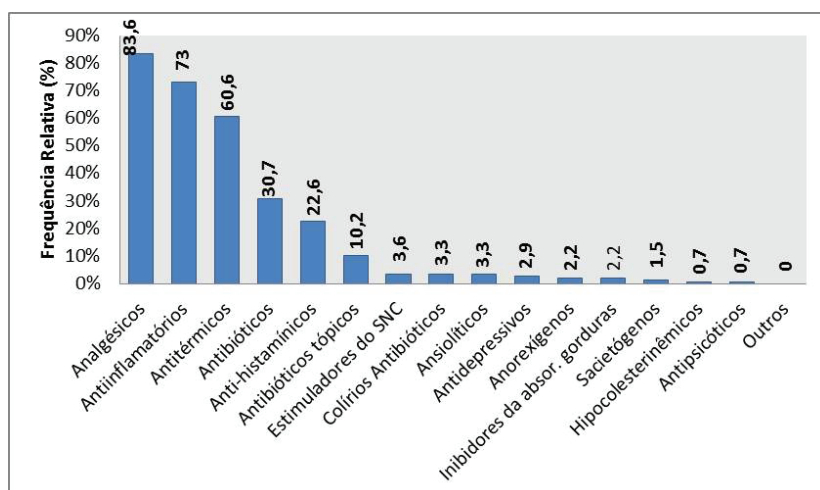
**Figura 2** - Prevalência das causas da automedicação entre os discentes do curso de medicina da Universidade Federal da Paraíba (n=298)



**Fonte:** Elaborada pelos autores a partir de dados da pesquisa.

Na figura 3 pode-se identificar as classes de drogas mais comumente utilizadas pelos estudantes de medicina na prática de automedicação.

**Figura 3** - Medicamentos utilizados para a automedicação pelos discentes do curso de medicina da Universidade Federal da Paraíba (n=298)



**Fonte:** Elaborada pelos autores a partir de dados da pesquisa.



Eficácia terapêutica com o medicamento utilizado por conta própria foi relatada por 98,9% dos estudantes.

## Discussão

O presente estudo mostra uma prevalência de automedicação entre os estudantes de medicina corresponde a 94,2%, resultado este que corrobora o estudo anterior realizado por Fonseca e cols.<sup>2</sup> em 2010, com uma prevalência de 94,36%. Segundo Badiger e cols.<sup>6</sup>, estudantes de medicina na Índia apresentam prevalência de 92% do uso de medicamentos sem prescrição médica, em contraste com 59% da população não médica. A automedicação é um ato nocivo à saúde de quem a pratica, por isso a importância da prescrição médica para aquisição de fármacos, evitando que o usuário faça preponderar sua própria vontade e experiência<sup>3</sup>.

Tomasi et al.<sup>5</sup> demonstraram que esse perfil de automedicação é presente na população médica, encontrando, em estudo realizado com profissionais de saúde na atenção básica, prevalência de 42% de automedicação. Hem et al.<sup>7</sup>, em estudo com jovens médicos noruegueses, encontraram uma prevalência de até 90%, observando que prática que começa durante a graduação apresenta uma tendência a persistir durante a carreira.

É importante observar que a maioria dos estudantes já praticava a automedicação antes mesmo do ingresso no curso de medicina. Esse resultado não parece fortalecer estudos na população geral, que demonstra a direta associação entre automedicação e escolaridade<sup>8</sup>.

Em relação ao sexo, os resultados demonstram uma dissociação em relação a um estudo anterior realizado entre acadêmicos da área de saúde, o qual evidencia o sexo feminino com uma maior prevalência de automedicação, justificado pela maior procura de cuidados médicos e, portanto, por mais acesso a medicamentos pelas mulheres, além de campanhas educativas mais direcionadas a elas<sup>9</sup>.

Observando os dados da Figura 1, verificamos que os estudantes em períodos mais avançados realizam mais automedicação, em sua maioria, por não julgar necessária a orientação médica, como foi demonstrado pela análise das respostas sobre os motivos para essa prática. Podemos supor que esta autoconfiança tenha sido adquirida em experiências anteriores com o mesmo medicamento, a partir de informações obtidas em propagandas, internet ou mesmo em sala de aula. Essa hipótese é reforçada pelo achado de que a fonte mais comum de informação para a automedicação foram as receitas antigas prescritas por médicos, emitidas na ocasião da consulta. Amigos e familiares também se mostraram uma fonte de informação bastante

relevante, o que pode estar relacionado ao uso prévio e satisfatório de determinado medicamento<sup>3</sup>.

A principal forma de aquisição dos medicamentos pelos discentes é nas farmácias, e este hábito se instala pela facilidade de obtenção de diversos fármacos sem a necessidade da prescrição médica, uma vez que esta prática já se encontra inserida na dinâmica da sociedade de consumo.

A prática da automedicação encontra-se bastante difundida na sociedade, inclusive medicamentos que necessitam de receituário especial são obtidos na ausência da prescrição médica. Tais medicamentos são utilizados por 17,5% dos estudantes e são obtidos, em sua maioria, com amigos e familiares. O hábito da automedicação pode estar relacionado ao desejo do enfermo em obter de forma imediata o alívio de seus sintomas, uma vez que a consulta com o médico demanda tempo e existe a dificuldade do acesso.

Com relação aos motivos que levaram as pessoas a utilizarem medicamentos sem receita, destacam-se dor de cabeça, gripe ou resfriado, seguido de dor de garganta e febre, sintomas que costumam ser corriqueiros. Entretanto, Melo et al<sup>10</sup> afirmam que os fármacos que mais causam intoxicação são os de uso comum, como dipirona, paracetamol e salicilatos, que fazem parte do arsenal terapêutico para os sintomas relatados acima.

As classes medicamentosas com maior prevalência neste trabalho estão de acordo com os dados obtidos por Fonseca et al.<sup>2</sup>, em que foram constatados os analgésicos e anti-inflamatórios, respectivamente em primeiro e segundo lugar em ambos os trabalhos. Arrais et al.<sup>11</sup> e Bertoldi et al.<sup>12</sup> também apresentaram os analgésicos como os medicamentos mais utilizados em seu estudo<sup>2</sup>. Os dados apresentados corroboram informações fornecidas por Tierling et al.<sup>13</sup>, indicando maior utilização de analgésicos quando comparados aos anti-inflamatórios.

Dentre as classes de medicamentos, os analgésicos parecem ser utilizados de forma mais imprudente, por agirem no alívio da dor, além da facilidade na sua aquisição e, também, por serem, em grande parte, fármacos de venda livre<sup>14</sup>.

## **Conclusão**

Concluímos que é alto o índice de automedicação entre os acadêmicos de medicina da Universidade Federal da Paraíba, mesmo conhecendo os riscos desta prática, sendo maior a confiança no exercício desta prática entre os alunos mais adiantados do curso.

O consumo de medicamentos entre os estudantes universitários-

rios é elevado, mas encontra-se dentro dos parâmetros observados por outros estudos. Todavia, por se tratarem de futuros profissionais da área de saúde, esperava-se que o consumo fosse menor e mais racionalizado. Desta forma, a implicação clínica desta prática poderá ser a de que esses discentes provavelmente não representarão agentes multiplicadores de informações quanto ao uso racional de medicamentos e podem vir a se tornar profissionais coniventes com a prática da automedicação e com o uso incorreto dos medicamentos.

Os resultados apresentados sugerem que as instituições de ensino não costumam atuar de maneira efetiva na formação de profissionais que assumam o papel de acolhedores e orientadores de seus pacientes em relação à prática da automedicação. Faz-se necessário a incorporação de práticas educativas quanto ao uso correto dos medicamentos, riscos, benefícios, dosagem, intoxicações, reações adversas e gastos para o sistema de saúde, decorrentes de internações devido a problemas relacionados aos medicamentos. Só assim pode-se esperar que a população receba cuidados de saúde de qualidade de profissionais competentes e preocupados em preservar a sua saúde.

## Referências

1. Naves JOS, Castro LLC, Carvalho CMS, Merchán-Hamann E. Auto-medicação: uma abordagem qualitativa de suas motivações. *Ciênc. saúde coletiva* [Internet]. 2010;15(Supl 1):1751-1762.
2. Fonseca F, Dedivitis RA, Smokou A, Lascane E, Cavalheiro R, Ribeiro EF. et al. Frequência de automedicação entre acadêmicos de faculdade de medicina. *Rev. Diagn Tratamento* 2010;15(2):53-7.
3. Vilarino JF, Soares IC, Silveira CM, Rödel APP, Bortoli R, Lemos RR. et al. Perfil da automedicação em município do Sul do Brasil. *Rev. Saúde Pública* 1998;32(1):43-9.
4. Neto JAC, Sirimarco MT, Choi CMK, Barreto AU, Souza JB. Automedicação entre Estudantes da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora. *HU Rev.* 2006;32(3):59-64.
5. Tomasi E, Sant'Anna GC, Oppelt AMP, Petrini RM, Pereira IV, Sassi TS. Condições de trabalho e automedicação em profissionais da rede básica de saúde da zona urbana de Pelotas. *Rev. bras. epidemiol.* 2007;10(1):66-74.

6. Badiger S, Kundapur R, Jain A, Kumar A, Pattanshetty S, Thakolkaran N. et al. Self-medication patterns among medical students in South India. *Australas Med J.* 2012;5(4):217-220.
7. Hem E, Stokke G, Tyssen R, Gronvold NT, Vaglum P, Ekeberg O. Self-prescribing among young Norwegian doctors: a nine-year follow-up study of a nationwide sample. *BMC Med.* 2005;3:16.
8. Loyola AIF, Uchoa E, Firmo JOA, Lima-Costa MF. Estudo de base populacional sobre o consumo de medicamentos entre idosos: Projeto Bambuí. *Cad. Saúde Pública* 2005;21(2):545-553.
9. Aquino DS, Barros JAC, Silva MDP. A automedicação e os acadêmicos da área de saúde. *Ciênc. saúde coletiva* 2010;15(5):2533-2538.
10. Melo EB, Teixeira JJV, Manica GCM. Histórico das tentativas de liberação da venda de medicamentos em estabelecimentos leigos no Brasil a partir da implantação do Plano Real. *Ciênc. saúde coletiva* 2007;12(5):1333-1340.
11. Arrais PSD, Coelho HLL, Batista MCDS, Carvalho ML, Righi RE, Arnau JM. Perfil da automedicação no Brasil. *Rev. Saúde Pública* 1997;31(1):71-7.
12. Bertoldi AD, Barros AJD, Hallal PC, Lima RC. Utilização de medicamentos em adultos: prevalência e determinantes individuais. *Rev. Saúde Pública* 2004;38(2):228-38.
13. Tierling VL, Paulino MA, Fernandes LC, Schenkel EP, Mengue SS. Nível de conhecimento sobre a composição de analgésicos como ácido acetilsalicílico. *Rev. Saúde Pública* 2004;38(2):223-7.
14. Cabrita J, Ferreira H, Iglecias P, Baptista T, Rocha E, Silva AL, et al. Estudo do padrão de consumo de medicamentos pelos estudantes da Universidade de Lisboa. *Rev. Port. saúde pública* 2001;19(2):39-47.